

MARCAS INTERACIONAIS NO PRONUNCIAMENTO DE TEMER

Marise Adriana Mamede GALVÃO⁷⁵

Resumo: Neste trabalho, investigamos as ocorrências linguístico-discursivas no pronunciamento de Michel Temer, notadamente no que se refere ao modo como esse falante principal se dirige à audiência constituída. Adotamos posturas teóricas de autores como Kerbrat-Orecchioni (2006), Marcuschi (2008), Adam (2011), entre outros, e uma abordagem qualitativa de pesquisa para identificação, análise e interpretação das ocorrências no corpus em estudo, disponibilizado no site da G1.globo.com, em vídeo e transcrição. Consideramos que eventos interativos, como pronunciamentos em redes televisivas, são construídos socialmente, o que possibilita assumir que as pessoas falam de um determinado lugar, utilizando-se de indicadores do momento em que se encontram.

Palavras-chave: Interação. Pronunciamento. Relações interacionais.

Abstract: *In this work, we investigate the linguistic-discursive occurrences in the pronouncement of Michel Temer, especially regarding the way in which this main speaker addresses the audience. We adopted the theoretical postures of authors such as Kerbrat-Orecchioni (2006), Marcuschi (2008), Adam (2011), among others, and a qualitative research approach to identify, analyze and interpret occurrences in the data available through video and transcription in G1.globo.com. We consider that interactive events, such as pronouncements in television networks, are constructed socially, which makes it possible to assume that people speak of a certain place, using indicatives of the moment in which they meet.*

Keywords: *Interaction. Pronouncement. International relations.*

Introdução

Após assumir o cargo como Presidente em exercício da República Federativa do Brasil, Temer faz seu primeiro pronunciamento enquanto dirigente da nação, evento transmitido em redes televisivas de comunicação brasileiras e internacionais, além de disponibilizado em diversos sítios na internet.

O foco desta investigação é o evento interacional em que Michel Temer assume a posição de falante principal, o que detém o poder do turno, conforme a visão de Sacks, Schegloff, Jefferson (1974). Neste trabalho, partimos do pressuposto de que mesmo em interações mais formais, em que há um falante principal, definido conforme as regras do evento, as pessoas exercem funções de participantes, de ouvintes mais próximos ou distanciados. Nesse sentido, com base em perspectivas textuais e interativas, objetivamos identificar, descrever, analisar e interpretar as evidências da presença dos interlocutores na fala do Presidente em exercício - Michel Temer. Subsidiarão esta investigação os trabalhos de Goffman (1998), Kerbrat-Orrechioni (2006), Marcuschi (1986), Silva (2003) e Adam (2011). Também, recorreremos a trabalhos cujas noções teóricas são discutidas na ótica da AD, a fim de orientar a discussão que empreendemos.

Para constituir o *corpus* desta investigação, os dados foram coletados no sítio da Rede Globo de comunicações, sob o título de *primeiro pronunciamento* de Michel Temer, o qual foi gravado em vídeo e disponibilizado no G1.globo.com, na coluna denominada *Política*, no dia 12/05/2016. Embora o pronunciamento tenha sido divulgado em formato digitalizado, ouvimos sua forma gravada, a fim de conferirmos possíveis divergências entre a fala de Temer e a transcrição apresentada. Após a confirmação com relação à escuta do pronunciamento, copiamos a transcrição, na íntegra, a fim de localizarmos as ocorrências no texto transcrito, cujas bases teóricas discutimos na próxima seção.

Bases teóricas - Formação discursiva

A noção de formação discursiva neste trabalho é discutida, embora brevemente, haja vista a necessidade de orientar a reflexão em direção aos níveis ou planos da Análise Textual dos Discursos (ATD) propostos por Adam (2011). Um desses níveis está relacionado à formação sociodiscursiva, ou seja, às situações de interação nos lugares sociais mediadas pelos gêneros.

Adam (2011, p. 44) toma por base as considerações de Pêcheux (1990, p. 148), para subsidiar a noção de formações discursivas, no sentido de que estas

determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de um discurso público, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma dada posição, de uma determinada conjuntura: o ponto essencial aqui é que não se trata somente da natureza das palavras usadas, mas também (e sobretudo) das construções nas quais essas palavras se combinam, na medida em que elas determinam a significação que assumem essas palavras [...].

Nesse aspecto, o lugar social em que o falante se encontra e a situação de interação revelarão que as ações de linguagem se inscrevem, “em um dado setor do espaço social, que deve ser pensado como uma formação discursiva, ou seja, como um lugar social associado a uma língua (socioleto) e a gêneros do discurso”. (ADAM, 2011, p. 63) O sentido atribuído às formações discursivas possibilita que falemos em discurso religioso, político, jurídico entre outros, conforme uma atividade determinada, distinta de tantas outras.

Essas considerações podem dialogar com o que menciona Fairclough (2001), pela referência à linguagem como prática social, questão com algumas implicações, entre estas: o discurso é um modo de ação, de forma que as pessoas agem sobre o mundo e sobre os outros; “[o]s eventos discursivos específicos variam em sua determinação estrutural segundo o domínio social particular ou o quadro institucional em que são gerados.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91) Nesse sentido, o pesquisador ressalta a importância da discussão acerca das formações discursivas, considerando que “o discurso é socialmente constitutivo” (p. 91), é uma prática de “significação do mundo” (p.91).

Neste trabalho, temos no campo de visão que as regulações impostas ao enunciado, conforme Adam (2011), e o quadro institucional no qual um discurso é produzido refletem-se na interação entre os interlocutores. Assim sendo, os aspectos da interação verbal deixam visível como os interactantes usam a língua em situações diversas e constroem sentidos para os objetivos pretendidos.

Baseamo-nos, também, em Aquino (2003), a fim de configurar um dos aspectos teóricos para investigar o objeto selecionado, já que essa autora estuda o léxico no discurso político e analisa o debate televisivo. Nesse sentido, a pesquisadora menciona:

o debate parlamentar, os programas de partido, as deliberações governamentais, os diversos pronunciamentos dos políticos, inclusive as entrevistas concedidas à imprensa ou a participação em debates durante as campanhas eleitorais que ocorram em contextos outros que não nas Instituições Públicas pertencem ao domínio do que se considera discurso político.(AQUINO, 2003, p. 196)

Assim sendo, as escolhas lexicais “instauram uma força pragmática que condiciona a atividade do interlocutor e o faz agir em direção ao que não tinha pensado fazer.” (AQUINO, 2003, p.196) Tais escolhas implicam o controle, a necessidade de adesão do interlocutor e o convencimento deste.

O ponto de vista interacional

Para subsidiar o ponto de vista da interação, tomamos por base a noção de interação mencionada por Fávero *et al* (2010, p. 93):

A interação face a face, no sentido genérico de comunicação verbal realizada entre interlocutores que se encontram *in praesentia*, pode ocorrer em situações diversas e, dependendo das particularidades dessas situações e dos propósitos comunicativos envolvidos, consubstanciam-se diferentes gêneros textuais, mediados pela fala.

Nessa direção, cada interação pode revelar um ou vários falantes específicos, que detêm diferentemente a posse da fala, haja vista as situações de maior ou de menor formalidade. A partir dessas considerações, discutimos acerca das características de interações; refletimos sobre interações em instituições; acerca do realinhamento em interações e sobre as relações horizontais e verticais na interação.

Características de interações

Koch (2000) reflete sobre questões específicas de linguagem e argumentação e salienta que na interação sempre definimos os objetivos que pretendemos. Conforme salienta, “há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados [...]”. (KOCH, 2000, p. 29) Assim sendo, ao interagir, as pessoas orientam o conteúdo de seus enunciados, pois pretendem atuar sobre o outro, a partir dos meios linguísticos e discursivos disponíveis. Nos seus papéis de falantes e ouvintes, essas pessoas intercambiam significados e estabelecem um foco comum no passo a passo da interlocução. Mesmo em situações mais formais, mais cerimoniais, o realinhamento de quem detém o

espaço da fala ocorre para que o que é dito seja compreendido com determinado sentido. Esse fato nos faz entender que o poder que possuímos quando agimos na interação pela linguagem se diferencia nos lugares e instituições.

Na visão de Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 13), entre as diferentes interações verbais encontram-se conversações, entrevistas, transações comerciais, conferências, sessões de tribunais. Ela salienta que para analisar interações, a primeira tarefa é “tentar fazer seu inventário e sua **tipologia** [...]”, o que significa observar alguns critérios, entre estes:

- a natureza do **lugar (quadro espaço-temporal)**;
- o número e a natureza dos **participantes**, seus estatutos e respectivos papéis, e o tipo de contrato que os mantém juntos [...];
- o **objetivo** da interação;
- seu **grau de formalidade** e seu **estilo** (predominantemente sério ou lúdico, conflituoso ou consensual...). (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 13)

O quadro espacial e temporal relaciona-se ao local físico, que pode ser aberto, fechado, público, privado, além das funções sociais e institucionais desse lugar. Por exemplo, se é um tribunal de justiça, é o local de exercer funções judiciárias; se é um escritório de contabilidade, é um lugar de questões contábeis-financeiras. Se as pessoas interagem em um debate político televisivo, elas podem exercer funções de debatedores, mediadores, produtores do evento, entre outras. Também, há um tempo determinado para que a interação se desenvolva, além da necessidade de que o discurso seja apropriado ao momento em que ele acontece.

Com relação aos participantes, a autora considera o número de pessoas, suas características (idade, sexo, posição social, etc.) e as relações mútuas entre elas. Por este prisma, são importantes: o conhecimento entre as pessoas, a hierarquia social determinada pelas relações profissionais, além dos laços afetivos e sentimentos que permeiam a interação.

No que se refere aos objetivos da interação, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 26) chama atenção para os que estão relacionados ao encontro, como por exemplo, uma consulta médica, que é permeada por perguntas e respostas, explicações, entre outras formulações. As conversações teriam finalidades mais “gratuitas” (relacionais), como define a autora, pois não ocorrem com objetivos de compra e venda, tratamento médico (transacionais), entre outras.

O grau de formalidade e seu estilo definem a natureza da interação. Assim, quando comparamos as interações verbais espontâneas com as institucionalizadas, como as que se observam, por exemplo, em sessões de audiência nos tribunais, nas sessões da câmara de deputados ou do senado, há normalmente algumas disposições previamente fixadas que regulam aquilo que pode ser dito por cada um dos interactantes. Assim sendo, o direito à palavra

não é livre, em função da hierarquia de papéis, já que as interações em instituições caracterizam-se por um grau maior de formalidade no uso da língua. Nessa direção, a natureza das interações, as normas impostas deixam transparecer a assimetria entre os participantes e o maior grau de planejamento da fala (SIMOES e KEWITZ, 2009, p. 487), além das escolhas lexicais específicas.

Interações em instituições

Do ponto de vista das pesquisas de Drew e Heritage (1997, p. 163-164), há três aspectos principais que podemos destacar com relação à fala em instituições: o primeiro, a “orientação para objetivos específicos [...]”; o segundo, os “limites especiais no que será tratado como contribuições permitidas”; o terceiro “está associado com os quadros inferenciais e procedimentos particulares de contextos institucionais específicos”. Esses aspectos possibilitam a observação de tarefas definidas, limites de condutas e procedimentos de seus participantes.

Assim sendo, as interações apresentam diferentes formas na organização do sistema de turno, na estrutura geral, na organização de sequências, na escolha do léxico, na epistemologia e outras formas de assimetria, conforme ressalta Heritage (2004). Há, nessa perspectiva, sistemas de alocação de turnos específicos de interações na corte, na sala de aula, em consultas médicas, de modo que a fala ocorre sob o domínio de um falante principal definido pela atividade profissional. Também, em espaços mais formais, há ouvintes ratificados, os quais formam a audiência, como ocorre em juris, ou em outros locais de mediações judiciais.

A estrutura geral de uma interação é caracterizada por fases, ou etapas, o que Heritage 2004 (p. 122) denomina “mapa” da interação, que tem como função orientar os participantes em relação às aberturas, questionamentos, fechamentos, etc. As sequências dizem respeito às formas que os participantes organizam as falas, por exemplo, por meio de perguntas e respostas. Com relação ao projeto de turno estão envolvidas ações efetuadas e os meios selecionados para essas ações, pois quem controla a fala poderá fazer as escolhas necessárias para fazer cumprir o intento. As escolhas lexicais, conforme o autor salienta, podem suavizar algumas formas de expressões, por exemplo, substituir termos oficiais por descritivos e o uso de “nós” institucional. Nesse sentido, Heritage (2004, p. 132) assevera: “a escolha de palavras específicas ou frases pode sinalizar a posição do interactante na direção de uma situação particular, como

também em que contexto interacional ele está, de forma bem precisa”. Essas escolhas podem, assim, implicar se em determinada interação alguém fala de si ou em nome da instituição.

Heritage (2004) faz referências às assimetrias de participação; de saberes institucionais e interacionais; de conhecimentos e direito de acesso ao conhecimento. Essas assimetrias estão ligadas às ações das pessoas nas instituições, ao envolvimento entre elas, aos protocolos e às agendas, enfim, ao conhecimento que, por exemplo, um profissional e um cliente possuem.

O realinhar-se na interação

Um dos autores clássicos da vertente interacional, Goffman (1998, p. 75), discute sobre o realinhamento que utilizamos na produção e recepção das elocuições. Para o pesquisador, “uma mudança no footing implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na forma em que conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução”. Essa mudança é associada à linguagem verbal e não verbal, com relação à postura, à projeção das pessoas durante uma interação, os olhares, os movimentos, entre outros. Na perspectiva desse autor, “É comum haver, em alguma medida, a delimitação de uma fase ou episódio de nível ‘mais elevado’, da interação, tendo o novo footing um papel limiar, servindo de divisor entre dois episódios mais substancialmente sustentados.” (GOFFMAN, 1998, p. 74) Essa mudança no alinhamento torna visível como produzimos e recebemos as elocuições, que são definidas como fatos ligados à linguagem.

No transcurso da interação, os participantes promovem o intercâmbio de papéis enquanto falantes e ouvintes, a partir de conhecimentos sociais. Goffman afirma que não é apenas o som da fala que está em jogo, mas a visão, as posturas corporais, o tato. Nesse sentido, as pessoas gesticulam, direcionam o olhar para pontos específicos, ou seja, fornecem pistas ao outro com relação ao seu engajamento Interacional. Para Silveira e Gago (2005, p. 3), “os alinhamentos ou footing representam a atitude ou postura que os participantes assumem, simultaneamente, em relação 1) uns aos outros, 2) ao conteúdo de suas falas e 3) ao evento social em que se encontram engajados”.

Nessa discussão sobre o realinhamento das pessoas, Goffman (1998) aborda a questão da participação ratificada, sugerindo que, nessa dinâmica, as pessoas aderem ou abandonam um encontro conjuntamente. Em circunstâncias mais informais, por exemplo em jantares, há, de acordo com Goffman (1998, p. 80),

uma forte instabilidade de participação. Nesse caso, um falante pode achar necessário policiar sua audiência, nem tanto para se prevenir contra intrometidos [...], mas para trazer de volta aqueles que estão ao léu e encorajar futuros participantes que estão incipientes.

Em conversações, as pessoas podem modificar o que irão dizer ou o modo de dizer, se estão na presença de participantes ocasionais (que não mantêm qualquer relação) ou ratificados (endereçados). Goffman (1999, p. 82) salienta, também, que a fala pode ser analisada como acontece em algumas interações em shows, em recitações, em discursos políticos, entre outros. Nesse caso, não há “um conjunto de companheiros”, mas uma plateia, que se encontra no local para fazer uma apreciação do que é dito, mantendo distância física do falante. No entanto, essa plateia poderá indicar que está envolvida com o falante, por meio do comportamento não verbal, pelo olhar, gestos, movimentos corporais, aplausos, etc. No caso das interações via rádio, televisão, a fala é dirigida às pessoas que podem estar no local da interlocução, mas também fora dali, como participantes imaginados.

Relações horizontais e verticais na interação

As relações em interações podem ser orientadas para a familiaridade, intimidade, ou para a distância; para a posição de dominação ou de dominado. Assim sendo, para Kerbrat-Orecchioni (2006) elas podem ser verticais e horizontais, conforme se mostrem os participantes.

As relações verticais remetem aos seguintes aspectos:

1º **Toda interação se desenrola num certo** quadro e põe em presença **determinadas pessoas**, que possuem algumas características particulares e que entretêm **um certo tipo de laço socioafetivo**: são esses dados externos [...] da interação estabelecidos e seu início.

2º Nesse quadro, ocorrerá **um certo número de eventos** [...].

3º Os comportamentos produzidos na interação são, com certeza, em grande parte determinados pelos dados externos. Mas o importante aqui é que eles não o são totalmente: **as pressões contextuais deixam aos interactantes uma certa margem de manobras** [...].(KERBRAT-ORECCHIONI (2006, p. 63-64)

Com base nessa orientação, as relações nas interações são negociadas, no sentido de que elas podem ser mantidas, confirmadas, contestadas, entre outras.

Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 65) faz referências a relacionemas, para designar os “marcadores mais importantes da relação horizontal”. Entre estes ela destaca os verbais, não verbais e paraverbais. Entre os primeiros, a autora elenca as formas de tratamento e os nomes de tratamento. Além desses marcadores verbais, os temas abordados na interação podem ser

indicativos das relações horizontais (falamos coisas diferentes se estamos com pessoas próximas ou desconhecidas) e o nível da língua (formal ou informal). Entre os marcadores do segundo e do terceiro tipos a autora situa a distância espacial (no sentido próprio), os gestos, a postura, a intensidade articulatória, o timbre de voz, o ritmo da elocução.

As relações verticais são dissimétricas, haja vista que uns participantes se encontram em lugares de dominação e outros de dominados. Nesse sentido, salientamos que em interações, como observamos em debates, entrevistas, pronunciamentos de governantes, algumas desigualdades são visíveis. Essas relações são reveladas por taxemas, os quais são de natureza verbal, não verbal e paraverbal.

Os taxemas verbais ocorrem por meio das formas de tratamento classificadas em pronomes de tratamento e nomes de tratamento. Os primeiros podem refletir relação de relativa igualdade entre os interlocutores, como é o caso de *você* e *senhor* (para expressar distância ou familiaridade). Essas mesmas formas de tratamento podem expressar uma relação de hierarquia entre as pessoas, como observamos pelo uso de *você/senhor*, para indicar, respectivamente, posição alta ou baixa, na perspectiva daquele que se dirige ao interlocutor. O uso de títulos e termos de parentesco podem também significar essa forma de hierarquia vertical. São marcadores não verbais e paraverbais, a aparência física (jaleco do médico, do dentista, a beca do juiz, a farda do policial), a organização do local do evento (disposição de cadeiras, palco, etc.), posturas de dominação (por exemplo, os olhares), o tom da fala.

Silva (2003) analisa os tratamentos familiares e referência dos papéis sociais tendo como *corpus* alguns inquéritos do NURC e excertos da Peça Teatral – Pérola – de Mauro Rasi (1995). Esse pesquisador ressalta as formas de tratamento (palavras ou sintagmas) utilizadas para dirigir-se ou referir-se a outrem, por exemplo, pai, mãe, doutor, o senhor, você, entre outras. Conforme Silva (2003), as pessoas interagem e nem sempre observam o quanto a linguagem é importante. Nessa direção, o autor esclarece:

Como não se pode desvincular a linguagem da sociedade, é preciso conhecer o conjunto de normas que regulam o comportamento adequado dos membros de um grupo social. Por isso, cada sociedade estabelece regras que regulam esses comportamentos. As formas de tratamento fazem parte dessas regras sociais que sancionam determinados comportamentos como adequados ou inadequados. (Silva, 2003, p. 173)

Nesse âmbito, Silva, com base em Fernández (1998), faz referências ao poder e *status* no estudo das formas de tratamento. Ao falar em *status*, Silva (2003, p. 173) menciona o “valor inerente de um papel social enquanto poder reflete a dimensão da influência que um papel

exerce sobre o indivíduo que cumpre outra função.” Assim sendo, ele destaca que o poder pode ser observado, por exemplo, pelo uso não recíproco de pronomes, o que é entendido como manifestação de relação assimétrica, de diferença de *status*.

Análise dos dados

Entre as questões discutidas, selecionamos algumas categorias para consecução dos objetivos, a partir das evidências no pronunciamento de Temer. Inicialmente, refletimos sobre as especificidades do léxico da formação discursiva.

No pronunciamento, Temer detém o poder enquanto falante principal, haja vista as prerrogativas do cargo que recebe por força da constituição brasileira. No léxico que constitui a marca do pronunciamento, destacamos os grupos nominais especificamente selecionados por Temer para a construção de um determinado efeito de sentido. Observamos, assim, o léxico que materializa o discurso político cujo objetivo é, pelo menos em tese, clamar pela recuperação das instituições brasileiras, para o estabelecimento da credibilidade nacional. Assim sendo, o pronunciamento, inserido em um domínio específico, caracteriza o momento atual da política brasileira, ou seja, de uma determinada conjuntura.

Exemplo 1

Povo brasileiro, palavra confiança, confiança nos valores, caráter de nossa gente, nossa democracia, recuperação da economia nacional, potenciais do nosso país, instituições sociais e políticas, unidos, desafios, grande dificuldade, Nação, Brasil, partidos políticos, lideranças e entidades organizadas, povo brasileiro, colaboração, país, grave crise, reformas, governo de salvação, partidos políticos, lideranças e entidades organizadas, parlamento, sociedade, Estado, segurança, saúde, educação, espaços e setores fundamentais, órbita pública, país pobre, programas sociais, Bolsa Família, Pronatec, Fies, Prouni, Minha Casa Minha Vida, reformas, direitos, cidadãos brasileiros, Estados e municípios, empregabilidade, autonomia verdadeira, federação real, federação artificial, sociedade brasileira, Congresso Nacional, correntes da opinião da sociedade brasileira, executivo, Congresso Nacional, os votos de todos os brasileiros, Lava Jato, instrumentos de controle, cargos comissionados, funções gratificadas, política monetária e fiscal, Estado brasileiro, direitos sociais, máquina pública, classe trabalhadora, democracia da eficiência, políticas adequadas, potencialidades extraordinárias, instabilidade social, instabilidade política, texto constitucional, governança, governabilidade, ideário, moral pública, respeito institucional, senhora presidente Dilma Rousseff, meus ministros, o poder, Constituição, Congressistas, Ordem e Progresso, religação de toda a sociedade brasileira, desafios.

No tocante à organização espacial e temporal, observamos que o pronunciamento ocorreu em um espaço institucional, o palácio do planalto, sede do Poder Executivo Federal, onde está situado o gabinete da Presidência da República Federativa. O pronunciamento é proferido em um local a isto destinado, após a posse de ministros de estado, na presença de políticos, jornalistas, auxiliares do governo e pessoas credenciadas, sendo estes os participantes

autorizados para a cerimônia. No entanto, há outros participantes que não se encontram nesse local, que são os telespectadores e internautas em diferentes lugares: residências, escritórios, restaurantes, entre outros. Essas pessoas, indistintamente, encontram-se referenciadas no pronunciamento, de acordo com o exemplo 2, a partir do vocativo “meus amigos”, grupo formado por ministros, governadores, parlamentares, familiares, senhoras e senhores. Certamente que os telespectadores e internautas incluem-se nas categorias senhoras e senhores.

Exemplo 2

Meus amigos. Eu quero cumprimentar todos os ministros empossados os senhores Governadores sras e sr parlamentares, familiares, amigos, senhoras e senhores.

Identificamos no pronunciamento em estudo que o presidente substituto –Temer - explicita a necessidade de enviar uma mensagem, motivada pelas atitudes de entusiasmo de colegas parlamentares e dos senhores governadores, aos quais ele se dirige especificamente para justificar uma cerimônia não mais “sóbria e discreta” como era pretensão anterior. No exemplo 3, o falante principal anuncia:

Exemplo 3

Eu pretendia que esta cerimônia fosse extremamente **sóbria e discreta**, como convém ao momento que vivemos. Entretanto, **eu vejo o entusiasmo dos colegas parlamentares, dos senhores governadores**, e tenho absoluta convicção de que este entusiasmo deriva, precisamente, da longa convivência que nós todos tivemos ao longo do tempo. Até pensei num primeiro momento, que não lançaria nenhuma mensagem neste momento. Mas percebi, pelos contatos que tive nestes dois últimos dias, **que indispensável seria esta manifestação** // E minha primeira palavra ao povo brasileiro é a palavra confiança.

Assim sendo, o objetivo aparece de forma bastante generalizada, categorizado pelo falante como uma “manifestação” (linha 8), cuja palavra inicial na fala de Temer é “confiança” (linha 9).

Quanto ao grau de formalidade e informalidade, o pronunciamento é construído, em sua grande parte, pelo uso de uma linguagem formal, tendo em vista as normas estabelecidas para um evento, cujo detentor do poder é o Presidente de uma nação, que se encontra em um espaço institucionalizado e se dirige, principalmente, a uma plateia de políticos. Assim sendo, a palavra sofre a coerção do lugar, em função da hierarquia do papel de chefe, caracterizando a assimetria e planejamento no uso da língua. O exemplo 4, composto por diferentes momentos de desenvolvimento do pronunciamento, evidencia o uso predominantemente das formas de 3ª pessoa do plural e do possessivo “nosso”.

Exemplo 4

[...] Confiança nos valores que formam o caráter de **nossa gente**, na vitalidade da **nossa democracia**; confiança na recuperação da economia nacional, nos potenciais do **nosso país**, em suas instituições sociais e políticas e na capacidade de que, unidos, **poderemos** enfrentar os desafios deste momento que é de grande dificuldade.

[...]

O emprego, **sabemos todos**, é um bem fundamental para os brasileiros. O cidadão, entretanto, só terá emprego se a indústria, o comércio e as atividades de serviço, estiverem todas caminhando bem./ /De outro lado, um projeto que garanta a empregabilidade, exige a aplicação e a consolidação de projetos sociais. Por **sabermos** todos, que o Brasil lamentavelmente ainda é um País pobre.

[...]

E, para isso, é que **nós queremos** uma base parlamentar sólida, que **nos permita** conversar com a classe política e também com a sociedade./ /Executivo e legislativo precisam trabalhar em harmonia e de forma integrada. Até porque no Congresso Nacional é que estão representadas todas as correntes da opinião da sociedade brasileira, não é apenas no executivo. Lá no Congresso Nacional estão todos os votos de todos os brasileiros. Portanto, **nós temos** que governar em conjunto.

[...]

Nosso maior desafio é estancar o processo de queda livre na atividade econômica, que tem levado ao aumento do desemprego e a perda do bem-estar da população./ /Para isso, é imprescindível, **reconstruirmos** os fundamentos da economia brasileira. E **melhorarmos** significativamente o ambiente de negócios para o setor privado. De forma que ele possa retomar sua vocação natural de investir, de produzir e gerar emprego e renda.

Observamos que predomina no pronunciamento a forma mais planejada da língua, mas há ocorrências de marcadores específicos da modalidade falada (exemplo 5). Acreditamos que eles acontecem em momentos em que Temer se afasta do material escrito e direciona seu olhar aos presentes.

Exemplo 5

[...]

Eu expressei, portanto, nosso compromisso com essas reformas **não é?**./ /Mas eu quero fazer uma observação. É que nenhuma dessas reformas alterará os direitos adquiridos pelos cidadãos brasileiros [...]

[...]

Quero falar um pouco sobre a atuação nas linhas interna e externa do Brasil. E esses princípios estão consagrados na Constituição de [19]88, senador Mauro Benevides, que nós ajudamos a redigir, **não é?** [...]

Eu quero ver até se consigo espalhar essa frase em 10, 20 milhões de outdoors por todo o Brasil porque isso cria também um clima de harmonia, de interesse, de otimismo, **não é verdade?**

[...]

Com relação ao realinhamento no discurso, observamos (Exemplo 6) ocorrências marcadas pelas mudanças no uso dos pronomes “eu”, “nós”, “nosso” e de formas verbais de plural e de singular em momentos diferenciados. Tais evidências podem ser compreendidas na direção da criação de efeitos de sentidos pretendidos, haja vista a crise política e social da nação brasileira. Ora ele se inclui como ocorre na forma verbal “trabalharemos”, ora reforça a posição daquele que decide como transparece no uso de “farei”, “ofereço”, “cumprirei”. Parece, nessa

direção, que Temer busca, de alguma forma, salvaguardar sua imagem perante o povo ao qual se dirige.

Exemplo 6

Por isso, nessa tarde de quinta-feira não é momento para celebrações, mas para uma profunda reflexão: é o presente e o futuro que nos desafiam e não **podemos** olhar para 152 frente com os olhos de ontem. Olhamos com olhos no presente e olhos no futuro.//

Faço questão, **faço** questão // e **espero** que sirva de exemplo, e declarar meu absoluto respeito institucional à senhora presidente Dilma Rousseff.

[...]

Tudo o que **disse**, meus amigos, faz parte de um ideário que **ofereço** ao País não em busca da unanimidade, o que é impossível, mas como início de diálogo com busca de entendimento. **Farei** muitos outros pronunciamentos. E **meus** ministros também. **Meus** ministros é exagerado, são ministros do governo

[...]

E aí, meus amigos, **eu quero dizer**, mais uma vez, da importância dessa harmonia entre os Poderes, em primeiro lugar. Em segundo lugar, a determinação, na própria Constituição - e **eu a cumprirei** - no sentido de que cada órgão do Poder tem as suas tarefas [...]

a partir de agora **nós não podemos** mais falar em crise. **Trabalharemos**. Aliás, há pouco tempo, **eu passava** por um posto de gasolina, na Castelo Branco, e o sujeito botou uma placa lá: "Não fale em crise, trabalhe".

No pronunciamento de Temer, haja vista o lugar em que ocorre, sob circunstâncias específicas, é possível observar as relações que são estabelecidas por meio de formas de tratamento diferenciadas.

Ao se dirigir aos participantes na interação, o presidente em exercício faz referência a **meus amigos**, na maior parte do pronunciamento. Essas pessoas incluem os que se fazem presentes ao local e os que podem assistir pelas redes televisivas e via internet, o que constitui certamente a maioria. Nesse aspecto, compreendemos que o falante tenta mostrar uma forma próxima de relação social, ou seja, uma relação simétrica, observada, também, quando se dirige ao povo por meio da forma generalizada **todo mundo**, comumente identificada em interações face a face. Já as formas **senhores governadores e sras e senhores parlamentares** revelam um tratamento de afastamento, embora esses estejam, conforme o cargo que ocupam, em posição de menor simetria comparando-se ao cargo de presidente de estado. No entanto, podemos entender que são protocolos exigidos pela situação.

No que se refere ao modo como a Presidente afastada do cargo – Dilma Rousseff - é tratada, **Sra. Presidente** parece marcar um distanciamento horizontal, cuja conotação se apropriaria às pessoas desconhecidas, ou superiores hierarquicamente. Além disso, há uma questão importante: há uma presidente afastada do cargo e um presidente que na ocasião acaba de assumir o governo embora interinamente. Um dado relevante diz respeito às formas de fazer

referências aos **parlamentares**, aos **ministros**, aos **governadores**, mas, diferentemente, aos **amigos**, ao **povo brasileiro** e a **todo mundo**, o que parece tentar diminuir possíveis espaços para construção de uma relação de respeito nos três primeiros casos e de igualdade nos três últimos.

Conclusão

O pronunciamento por nós estudado possibilitou tecer considerações sobre as evidências identificadas, descritas e interpretadas. As evidências do discurso político revelaram:

- 1) a formação discursiva, a partir do léxico utilizado pelo falante que institucionalmente deteve o turno da fala, haja a posição de chefe de estado, aquele a quem cabia o papel de, após dar posse aos ministros de estado, fazer um pronunciamento à nação brasileira. Esse léxico, em torno da nação brasileira, em momentos de crise, sinaliza a formação política de sua constituição.
- 2) a interação em um lugar determinado (uma instituição governamental), deixando visível uma organização específica espacial e temporal, com objetivos definidos, também, pelas imposições da instituição;
- 3) o realinhamento do detentor da fala, ocasionado por interlocutores, tanto os presentes quanto os distantes, aos quais o Presidente Temer se dirigiu, utilizando-se de escolhas diferentes em relação às formas de referenciar, ora incluindo-se, ora afastando-se, o que evidencia relações verticais e horizontais;
- 4) o direcionamento do discurso pretendido por um chefe de estado em um momento em que se dirige à nação e conclama a ajuda e a compreensão do povo, em momento de crise e de extrema delicadeza.

Referências

ADAM, J-M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. Cortez, 2011.

AQUINO, Z. G. de O. O léxico no discurso político. In. PRETI, D. **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 2003, p. 195-210.

Drew, P; Heritage, J. (eds.). *Talk at work: interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

GOFFMAN. **Sociolinguística interacional**: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998.

FÁVERO, L. L.; JUBRAN, C. C. S, HILGERT, G. *et al.* Interação em diferentes contextos. In. BENTES, A. C; LEITE, M. Q. **Linguística de texto e análise da conversação**: panoramas das pesquisas no Brasil. Cortez, 2010, p. 91-158.

HERITAGE, J. **Conversation analysis and institutional talk**: analyzing distinctive turn-taking system. California: UCLA, 2004

KERBRAT- ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH. I. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolinguística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

RASI, M. **Pérola**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

SACKS, H. SCHEGLOFF, E. A. e JEFFERSON, G. A simplest systematics for organization of turn taking for conversation. **Language**, vol. 50, nº 4, p. 699-733, 1974.

SILVA, L. A. Tratamentos familiares e referência dos papéis sociais. In. In. PRETI, D. **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 2003, p. 169-194.

SILVEIRA, S. B.; GAGO, P. C. Interação de fala em conflito: papéis interacionais do(a) mediador(a) em uma audiência de conciliação no PROCON. **Intercâmbio**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, v. 14, 2005, p. 1-10.

Anexo

Pronunciamento de Temer: transcrito do portal G1.globo.com, na coluna denominada *Política*, no dia 12/05/2016

Pronunciamento de Michel Temer em 26-05-2016

Meus amigos. Eu quero cumprimentar todos os ministros empossados os senhores governadores sras e sr parlamentares, familiares, amigos, senhoras e senhores.

Eu pretendia que esta cerimônia fosse extremamente sóbria e discreta, como convém ao momento que vivemos. Entretanto, eu vejo o entusiasmo dos colegas parlamentares, dos senhores governadores, e tenho absoluta convicção de que este entusiasmo deriva,

precisamente, da longa convivência // que nós todos tivemos ao longo do tempo. Até pensei// num primeiro momento, que não lançaria nenhuma mensagem neste momento. Mas percebi, pelos contatos que tive nestes dois últimos dias, que indispensável seria esta manifestação./ /E minha primeira palavra ao povo brasileiro é a palavra confiança. Confiança nos valores que formam o caráter de nossa gente, na vitalidade da nossa democracia; confiança na recuperação da economia nacional, nos potenciais do nosso país, em suas instituições sociais e políticas e na capacidade de que, unidos, poderemos enfrentar os desafios deste momento que é de grande dificuldade./ /Reitero, como tenho dito ao longo do tempo, que é urgente pacificar a Nação e unificar o Brasil. É urgente fazermos um governo de salvação nacional. Partidos políticos, lideranças e entidades organizadas e o povo brasileiro hão de emprestar sua colaboração para tirar o país dessa grave crise em que nos encontramos. O diálogo o diálogo é o primeiro passo para enfrentarmos os desafios para avançar e garantir a retomada do crescimento. Ninguém, absolutamente ninguém, individualmente, tem as melhores receitas para as reformas que precisamos realizar. Mas nós, governo, parlamento e sociedade, juntos, vamos encontrá-las./ /Eu conservo a absoluta convicção de que é preciso resgatar a credibilidade do Brasil no concerto interno e no concerto internacional, fator necessário para que empresários dos setores industriais, de serviços, do agronegócio, e os trabalhadores, enfim, de todas as áreas produtivas se entusiasmem e retomem, em segurança, com seus investimentos. Teremos que incentivar, de maneira significativa, as parcerias público-privadas, na medida em que esse instrumento poderá gerar emprego no País./ /Sabemos que o Estado não pode tudo fazer. Depende da atuação dos setores produtivos: empregadores, de um lado, e trabalhadores de outro. São esses dois polos que irão criar a nossa prosperidade. Ao Estado compete – vou dizer, aqui, o óbvio–, compete cuidar da segurança, da saúde, da educação, ou seja, dos espaços e setores fundamentais, que não podem sair da órbita pública. O restante terá que ser compartilhado com a iniciativa privada, aqui entendida como a conjugação de ação entre trabalhadores e empregadores./ /O emprego, sabemos todos, é um bem fundamental para os brasileiros. O cidadão, entretanto, só terá emprego se a indústria, o comércio e as atividades de serviço, estiverem todas caminhando bem./ /De outro lado, um projeto que garanta a empregabilidade, exige a aplicação e a consolidação de projetos sociais. Por sabermos todos, que o Brasil lamentavelmente ainda é um País pobre. Portanto, reafirmo, e o faço em letras garrafais: vamos manter os programas sociais. O Bolsa Família, o Pronatec, o Fies, o Prouni, o Minha Casa Minha Vida, entre outros, são projetos que deram certo, e, portanto, terão sua gestão aprimorada. Aliás, aqui mais do que nunca, nós precisamos acabar com um hábito que existe no Brasil, em que assumindo outrem o governo, você tem que excluir o que foi feito. Ao contrário, você tem que prestigiar aquilo que deu certo, completá-los, aprimorá-los e incitar outros programas que sejam úteis para o País. Eu expresso, portanto, nosso compromisso com essas reformas não é?./ /Mas eu quero fazer uma observação. É que nenhuma dessas reformas alterará os direitos adquiridos pelos cidadãos brasileiros. Quando menos fosse sê-lo-ia pela minha formação democrática e pela minha formação jurídica. Quando me pedirem para fazer alguma coisa, eu farei como Dutra, o que é diz o livrinho? O livrinho é a Constituição Federal./ /Nós temos de organizar as bases do futuro. Muitas matérias estão em tramitação no Congresso Nacional, eu até não iria falar viu, mas como todo mundo está prestando atenção, eu vou dar toda uma programação aqui. As reformas fundamentais serão fruto de um desdobramento ao longo do tempo. Uma delas, eu tenho empenho e terei empenho nisso, porque eu ~~tenho~~ nela, é a revisão do pacto federativo. Estados e municípios (repete) precisam ganhar autonomia verdadeira sobre a égide de uma federação real, não sendo uma federação artificial, como vemos atualmente./ /A força da União, nós temos que colocar isso na nossa cabeça, deriva da força dos estados e municípios. Há matérias, meus amigos, controvertidas, como a reforma trabalhista e a previdenciária. A modificação que queremos fazer, tem como objetivo, e só se este objetivo for cumprido é que

elas serão levadas adiante, mas tem como objetivo o pagamento das aposentadorias e a geração de emprego, para garantir o pagamento, portanto. Tem como garantia a busca da sustentabilidade para assegurar o futuro. / Esta agenda, difícil, complicada, não é fácil, ela será balizada, de um lado pelo diálogo e de outro pela conjugação de esforços. Ou seja, quando editarmos uma norma referente a essas matérias, será pela compreensão da sociedade brasileira. E, para isso, é que nós queremos uma base parlamentar sólida, que nos permita conversar com a classe política e também com a sociedade. / Executivo e legislativo precisam trabalhar em harmonia e de forma integrada. Até porque no Congresso Nacional é que estão representadas todas as correntes da opinião da sociedade brasileira, não é apenas no executivo. Lá no Congresso Nacional estão todos os votos de todos os brasileiros. Portanto, nós temos que governar em conjunto. / Água... Então, nós vamos precisar muito da governabilidade e a governabilidade exige –além do que eu chamo de governança que é o apoio da classe política no Congresso Nacional– precisam também de governabilidade, que é o apoio do povo. O povo precisa colaborar e aplaudir as medidas que venhamos a tomar. E nesse sentido a classe política unida ao povo conduzirá ao crescimento do País. Todos os nossos esforços estarão centrados na melhoria dos processos administrativos, o que demandará maior eficácia da governança pública. / A moral pública a moral pública será permanentemente buscada por meio dos instrumentos de controle e apuração de desvios. Nesse contexto, tomo a liberdade de dizer que a Lava Jato tornou-se referência e como tal, deve ter prosseguimento e proteção contra qualquer tentativa de enfraquecê-la. / O Brasil, meus amigos, vive hoje sua pior crise econômica. São 11 milhões de desempregados, inflação de dois dígitos, déficit quase de R\$ 100 bilhões de reais, recessão e também grave a situação caótica da saúde pública do Brasil. Nosso maior desafio é estancar o processo de queda livre na atividade econômica, que tem levado ao aumento do desemprego e a perda do bem-estar da população. / Para isso, é imprescindível, reconstruirmos os fundamentos da economia brasileira. E melhorarmos significativamente o ambiente de negócios para o setor privado. De forma que ele possa retomar sua vocação natural de investir, de produzir e gerar emprego e renda. / De imediato, precisamos também restaurar o equilíbrio das contas públicas, trazendo a evolução do endividamento no setor público de volta ao patamar de sustentabilidade ao longo do tempo. Quanto mais cedo formos capazes de reequilibrar as contas públicas, mais rápido conseguiremos retomar o crescimento. / A primeira medida, na linha dessa redução, está, ainda que modestamente, aqui representada, já eliminamos vários ministérios da máquina pública. E, ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo nós não vamos parar por aí. Já estão encomendados estudos para eliminar cargos comissionados e funções gratificadas. Sabidamente funções gratificadas desnecessárias. Sabidamente, na casa de milhares e milhares de funções comissionadas. / Eu quero, também, para tranquilizar o mercado, dizer que serão mantidas todas as garantias que a direção do Banco Central hoje desfruta para fortalecer sua atuação como condutora da política monetária e fiscal. É preciso, meus amigos, e aqui eu percebo que eu fico dizendo umas obviedades, umas trivialidades, mas que são necessárias porque, ao longo do tempo, eu percebo como as pessoas vão se esquecendo de certos conceitos fundamentais da vida pública e da vida no Estado. / Então, ahhh quando eu digo "é preciso dar eficiência aos gastos públicos", coisa que não tem merecido maior preocupação do Estado brasileiro, nós todos estamos de acordo com isso. Nós precisamos atingir aquilo que eu chamo de "democracia da eficiência". Porque se, no passado, nós tivemos, por força da Constituição, um período da democracia liberal, quando os direitos liberais foram exercitados amplamente. Se, ao depois, ainda ancorado na Constituição, nós tivemos o desfrute dos chamados direitos sociais, que são previstos na Constituição, num dado momento aqueles que ascenderam ao primeiro patamar da classe média, começaram a exigir eficiência, eficiência do serviço público e eficiência nos serviços privados. E é por isso que hoje nós estamos na fase da democracia da eficiência, com o que eu quero contar com o trabalho dos senhores ministros,

do Parlamento e de todo o povo brasileiro./ /Eu quero também renovar remover - pelo menos nós faremos um esforço extraordinário para isto –a incerteza introduzida pela inflação dos últimos anos. Inflação alta - vai mais uma trivialidade – atrapalha o crescimento, desorganiza a atividade produtiva e turva o horizonte de planejamento dos agentes econômicos. E sabe quem sofre as primeiras consequências dessa inflação alta? É a classe trabalhadora e os segmentos menos protegidos da sociedade, é que pagam a parte mais pesada dessa conta./ /Nós todos sabemos que, há um bom tempo, o mundo está de olho no Brasil. Os investidores acompanham, com grande ----- interesse, as mudanças no nosso país. Havendo condições adequadas –e nós vamos produzi-las–, a resposta será rápida, pois é grande a quantidade de recursos disponíveis no mercado internacional e até internamente, e ainda maior as potencialidades no nosso País. E com base no diálogo, nós adotaremos políticas adequadas para incentivar a indústria, o comércio, os serviços e os trabalhadores. E a agricultura, tanto a familiar quanto o agronegócio. Precisamos prestigiar a agricultura familiar, que é quase um microempreendimento na área da agricultura, especialmente apoiando e incentivando os micros, pequenos e médios empresários. Além de modernizar o País, estaremos realizando o maior objetivo do governo: reduzir o desemprego. Que há de ser, os senhores percebem, estou repetindo esse fato porque eu tenho tido - e os senhores todos têm tido -, contato em todas as partes do País, com famílias desempregadas. E nós vemos o desespero desses brasileiros, que contam com um País com potencialidades extraordinárias e que não consegue levar adiante uma política econômica geradora de empregos para todos os brasileiros./ /Quero falar um pouco sobre a atuação nas linhas interna e externa do Brasil. E esses princípios estão consagrados na Constituição de [19]88, senador Mauro Benevides, que nós ajudamos a redigir, não é? Eu indico, porque esses preceitos indicam caminho natural para definição das linhas da atuação interna e externa do Brasil. Os senhores veem que eu insisto muito no tema da Constituição porque, ao meu modo de ver, toda vez que nós nos desviamos dos padrões jurídicos, e o Direito existe, exata e precisamente, para regular as relações sociais, quando nós nos desviamos as (incompreensível) dos limites do Direito, nós criamos a instabilidade social e a instabilidade política. Por isto que eu insisto sempre em invocação do texto constitucional./ /Pois muito bem, nesta Constituição, a independência nacional, a defesa da paz e da solução pacífica de conflitos, o respeito à autodeterminação dos povos, a igualdade entre os estados, a não-intervenção, a centralidade dos direitos humanos e o repúdio ao racismo e ao terrorismo, dentre outros princípios, são valores profundos da nossa sociedade. E traça uma imagem de um País pacífico e ciente dos direitos e deveres estabelecidos pela nossa Constituição./ /São, meus amigos, esses elementos de consenso que nos permite estabelecer bases sólidas para a política externa que volte a representar os valores e interesses permanentes no nosso País. A recuperação do prestígio do País e da confiança em seu futuro serão tarefas iniciais e decisivas para o fortalecimento da inserção internacional da nossa economia./ /Agora em agosto o Brasil estará no centro do mundo com a realização das Olimpíadas no Rio de Janeiro. Bilhões de pessoas assistirão jogos, jornalistas de vários países estarão presentes para reportar o país-sede das competições. Muito além dos esportes, sabemos disso, as pautas se voltarão para as condições políticas e econômicas do País. Tão cedo não voltaremos oportunidade como esta de atrair a atenção de tanta gente, ao mesmo tempo, em todos os cantos do mundo./ /Nesta tarde de quinta-feira, porém, e desde já pedindo desculpas pelo possível, para usar um refrão, pelo possível alongado da exposição, eu quero dizer, reiterar, que a minha intenção era realizar essa cerimônia, digamos assim, com a maior sobriedade possível. Estamos fazendo porque, sem embargo do entusiasmo de todos os senhores, todos nós compreendemos o momento difícil, delicado, ingrato que estamos todos passando./ /Por isso, nessa tarde de quinta-feira não é momento para celebrações, mas para uma profunda reflexão: é o presente e o futuro que nos desafiam e não podemos olhar para frente com os olhos de ontem. Olhamos com olhos no presente e olhos no futuro./ /Faço

questão, faço questão e espero que sirva de exemplo, e declarar meu absoluto respeito institucional à senhora presidente Dilma Rousseff. Não discuto aqui as razões pelas quais foi afastada. Quero apenas sublinhar a importância do respeito às instituições e a observância à liturgia nas questões, no trato das questões institucionais. É uma coisa que nós temos que recuperar no nosso País. Uma certa cerimônia não pessoal, mas uma cerimônia institucional, uma cerimônia em que as palavras não sejam propagadoras do mal-estar entre os brasileiros, mas, ao contrário, que sejam propagadoras da pacificação, da paz, da harmonia, da solidariedade, da moderação, do equilíbrio entre todos os brasileiros.//Tudo o que disse, meus amigos, faz parte de um ideário que ofereço ao País, não em busca da unanimidade, o que é impossível, mas como início de diálogo com busca de entendimento. Farei muitos outros pronunciamentos. E meus ministros também. Meus ministros é exagerado, são ministros do governo. O presidente não tem vice-presidente, não tem ministro, quem tem ministro é o governo. Então, os ministros do governo ahhh farão manifestações nesse sentido, sempre no exercício infatigável de encontrar soluções negociadas para os nossos problemas. Temos pouco tempo, mas se nos esforçarmos, é o suficiente para fazer as reformas que o Brasil precisa.//E aí, meus amigos, eu quero dizer, mais uma vez, da importância dessa harmonia entre os Poderes, em primeiro lugar. Em segundo lugar, a determinação, na própria Constituição - e eu a cumprirei - no sentido de que cada órgão do Poder tem as suas tarefas: o Executivo executa, o Legislativo legisla, o Judiciário julga. Ninguém pode interferir em um ou outro poder por uma razão singela: a Constituição diz a constituição diz que os poderes são independentes e harmônicos entre si.//Ora, bem, nós não somos os donos do poder, nós somos exercentes do poder. O poder, está definido na Constituição, é do povo. Quando o povo cria o Estado, ele nos dá uma ordem: "Olha aqui, vocês, que vão ocupar os poderes, exerçam-no com harmonia porque são órgãos exercentes de funções". Ora, quando há uma desarmonia, o que há é uma desobediência à soberania popular, portanto há uma inconstitucionalidade. E isso nós não queremos jamais permitir que se pratique.//Dizia aos senhores que a partir de agora nós não podemos mais falar em crise. Trabalharemos. Aliás, há pouco tempo, eu passava por um posto de gasolina, na Castelo Branco, e o sujeito botou uma placa lá: "Não fale em crise, trabalhe". Eu quero ver até se consigo espalhar essa frase em 10, 20 milhões de outdoors por todo o Brasil, porque isso cria também um clima de harmonia, de interesse, de otimismo, não é verdade? Então, não vamos falar em crise, vamos trabalhar.//O nosso lema - que não é um lema de hoje -, o nosso lema é Ordem e Progresso. A expressão a expressão da nossa bandeira não poderia ser mais atual, como se hoje tivesse sido redigida.//Finalmente, meus amigos, fundado num critério de alta religiosidade. E vocês sabem que religião vem do latim religio, religare, portanto, você, quando é religioso, você está fazendo uma religação. E o que nós queremos fazer agora, com o Brasil, é um ato religioso, é um ato de religação de toda a sociedade brasileira com os valores fundamentais do nosso País.//Por isso que eu peço a Deus que abençoe a todos nós: a mim, à minha equipe, aos congressistas, aos membros do Poder Judiciário e ao povo brasileiro, para estarmos sempre à altura dos grandes desafios que temos pela frente.//Meu muito obrigado e um bom Brasil para todos nós.//